

Formação de grupo com famílias grávidas e com crianças de 0 a 3 anos - foco no vínculo pais-filho e no desenvolvimento infantil

Christianne Freitas Lima Nascimento¹, Alba Lucia Reyes de Campos^{II}

Resumo

Nossas pesquisas e experiência clínica evidenciam a importância do vínculo mãe-filho no desenvolvimento infantil. Vínculo compreendido como um processo contínuo e complexo, que envolve mais do que os cuidados com a sobrevivência física, pois tem uma função de constituir o psiquismo da criança, de humanizá-la. O estabelecimento do vínculo, desde a gestação, promove o desenvolvimento emocional, entendido como o processo de amadurecimento do indivíduo, de um ser que não sobrevive sozinho para um ser independente e autônomo. O ambiente familiar exerce seu papel de sustentação, ao atender adequadamente às solicitações e necessidades da criança, fazendo com que se sinta segura e amada. Esse ambiente falha ao produzir excesso de experiências traumáticas para a criança, causando danos à sua saúde mental. Sabendo da importância desses conhecimentos e da necessidade de sua transmissão, aceitamos o convite para participar de Oficinas de Capacitação do Programa São Paulo pela Primeiríssima Infância (SPPI) para profissionais das áreas da saúde, educação e assistência social. De forma a possibilitar uma aprendizagem emocional e cognitiva aos participantes, propusemos o trabalho com grupos, utilizando recursos e estratégias que promovessem reflexões e discussões.

Palavras-chave: Vínculo Pais-Filho, Desenvolvimento Infantil, Capacitação Profissional

A inserção em equipes que estudaram transtornos nutricionais desde o início da vida de crianças nos conduziu a pesquisar a participação do vínculo mãe-filho nestas patologias e no desenvolvimento infantil. Esse foi o início que nos levou à especialização nesse tema e à constatação, por meio da teoria psicanalítica e experiência clínica, de sua extrema importância como alicerce do ser humano, por ser condição

de melhor futuro para a própria pessoa, para a comunidade e para a humanidade.

De que vínculo e desenvolvimento estamos falando? Como contribuir para o desenvolvimento da criança? A partir de quando? E, com qual público compartilhar, visando à disseminação e aplicação de nosso conhecimento e ideias?

Compreendemos o vínculo mãe-filho como algo que não acontece de forma mágica ou imediata. Ter um bebê e ligar-se a ele não é algo somente instintivo, mas sim um processo contínuo e complexo⁴.

O conceito de **vínculo** abrange um conjunto de sensações, sentimentos e atitudes que propiciam a instauração do psiquismo da criança, ou seja, tem uma função “humanizante”⁶. Um bebê somente se torna humano a partir do encontro

^I Christianne Freitas Lima Nascimento (chrisln@uol.com.br) - psicóloga, psicanalista, mestre em Ciências da Saúde (Unifesp/EPM) e especialista em Psicologia Hospitalar (CFP) e em Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes (USP). Consultora em Desenvolvimento Infantil.

^{II} Alba Lucia Reyes de Campos (albaluciareyesdecampos@gmail.com) - psicóloga, psicanalista, mestre em Nutrição (Unifesp/EPM), Especialista em Transtornos Alimentares, Obesidade e Cirurgia Bariátrica (FMUSP). Experiência em atividades assistenciais, de pesquisa e ensino. Consultora em Formação Profissional em Desenvolvimento da Primeira Infância. Docente universitária (UEPA).

com um outro, sensível às suas necessidades básicas. São experiências que somente o contato humano pode propiciar. Desse modo, podemos enfatizar que um bom vínculo abrange mais do que os cuidados com a sobrevivência física como amamentação, alimentação e higiene.

A teoria psicanalítica nos ensina que são as primeiras relações, desde a gestação, que promovem o desenvolvimento emocional. Daí a enorme importância dos vínculos iniciais. É necessário que exista desejo e afeto para com o feto e, ou, a criança. “Ser mãe” implica muito mais do que um processo biológico de gestar, pois é preciso que haja uma gestação psíquica que permita ao adulto se vincular e cuidar de um bebê e, então, constituí-lo como pessoa. O adulto não necessariamente deve ser a pessoa que deu à luz, pode e precisa ser, também, alguém significativo, que cuida carinhosamente do bebê, independentemente do sexo.

A gestação é um período determinante para a formação do vínculo. Esse é considerado um momento propício para que surja o amor materno¹⁰. A maneira como a mulher reage à gestação é fundamental para a formação do vínculo. É um período no qual vive intensas mudanças, ficando exposta a diversos conflitos que requerem resoluções e ajustamentos. É preciso que ocorra uma adaptação em relação ao novo modo de vida, às mudanças no relacionamento com o parceiro, às mudanças em sua vida profissional e social para, então, assumir a responsabilidade de cuidar de alguém que não sobrevive sozinho.

Vários fatores interferem significativamente na qualidade do vínculo afetivo com seu filho: se a gravidez foi ou não desejada, as primeiras relações com os próprios pais, modelos de pais, representações psíquicas de tais vivências, apoio no período gestacional, entre outros. Vivências passadas e presentes da mulher, necessariamente,

influenciam a forma de se vincular, cuidar de um bebê e constituí-lo como pessoa.

Eventos do parto e nascimento, também, podem afetar as primeiras relações da mãe com seu bebê, já que esse acontecimento não é somente um processo fisiológico de expulsão, uma passagem do ambiente aquático para o aéreo. Significa um envolvimento de ambos em uma sequência mobilizadora de emoções⁵. Os efeitos potenciais do estresse são atenuados quando a gestante se percebe com suporte do parceiro, familiares e amigos.

O suporte profissional na assistência do pré-natal, parto e puerpério, com especial atenção à saúde mental da mulher, tem papel importantíssimo na qualidade do seu vínculo com o bebê. A escuta, o acolhimento e a sensibilidade dos profissionais promovem maior tranquilidade e segurança para a mãe, favorecendo atitudes positivas em relação ao filho.

Diante desses muitos elementos considerados essenciais para a construção do vínculo entre a mãe e o bebê, é possível compreender seu significado e complexidade: não há como se tornar mãe simplesmente com instruções e manuais. Por sua vez, tais elementos revelam a força do ambiente sobre a formação do vínculo e, conseqüentemente, sobre o desenvolvimento emocional. Ambiente, vínculo pais-filho e desenvolvimento emocional encontram-se intimamente relacionados.

O que vem a ser, então, o desenvolvimento emocional?

Podemos dizer, muito resumidamente, que se trata da passagem de um ser não integrado, totalmente dependente, que não sobrevive sem o adulto, para um ser integrado, autônomo e independente.

Esse processo do desenvolvimento emocional se inicia antes do nascimento. Na gestação começa a se formar o psiquismo do bebê, já se mostrando sensível ao estado emocional materno¹². Em sua vida intrauterina o bebê vai acumulando experiências, dando início à sua integração. Para o pediatra Laurista Correa Filho⁵, os sentidos do bebê já funcionam mesmo antes do nascimento, o que já foi comprovado cientificamente. No último trimestre da gestação o feto é capaz de responder a estímulos auditivos e visuais, com todas as emoções que o acompanham. A relação de troca com o feto é fundamental para a formação e fortalecimento do vínculo materno. É uma forma de garantir a saúde e o bem-estar do bebê.

Com o nascimento, o processo de desenvolvimento continua. Nos primeiros meses de vida o bebê é extremamente imaturo e não se constituiu como uma unidade, ou seja, para ele a mãe ainda não existe como uma pessoa externa e separada. São os cuidados maternos – presença, sensibilidade, continência, dedicação – que vão possibilitando ao bebê experiências iniciais de ser^{7, 13}. A relação de confiança estabelecida contribui para que o bebê passe do estado de dependência absoluta até chegar à sua independência.

O pai, compreendido como a terceira pessoa na relação, tem papel fundamental no amadurecimento da criança. Além de dar suporte e segurança à mãe, ele é a pessoa que fará um “corte” na relação fusional da mãe com o bebê, permitindo que a criança continue bem em seu processo de integração e independência⁸.

O pediatra e psicanalista inglês Winnicott descreve as fases do desenvolvimento emocional, associadas a idades aproximadas: a fase da dependência absoluta, estendendo-se até os 4 meses; a fase de dependência relativa, dos 4 meses a 1,5 anos; e o período rumo à independência, de 1,5 anos a 6,7 anos, para, em seguida,

percorrer o período de latência, adolescência, primeira maturidade, envelhecimento e morte⁹.

Como ao nascer o bebê não tem condição de sobreviver por si mesmo, necessita de outro ser que lhe apresente o mundo, por meio de vivências emocionais prazerosas e conjuntas, nas quais o bebê possa ser envolvido com afeto, recebendo um banho de olhar, escuta e toques. Essa vivência essencial estende-se aos primeiros anos de vida. O bebê somente pode ser pensado a partir deste cuidado materno¹⁴.

O bom vínculo se revela na capacidade materna de identificar as solicitações e necessidades da criança e de responder adequadamente, sem se antecipar a elas, sem dar respostas desconectadas da necessidade ou ignorá-las. Quando isso não ocorre, não existe sincronia, a relação fica empobrecida e insatisfatória, deflagrando prejuízos no desenvolvimento da criança.

Quando falamos de pais ou cuidadores estamos nos referindo ao que é chamado de ambiente pela psicanálise, base para a saúde mental da criança. A existência de um ambiente de sustentação – favorável e provedor – contribui para seu processo de desenvolvimento, por possibilitar à criança vivenciar a consistência dos cuidados maternos, sentir-se segura e amada.

O ambiente familiar falha quando deixa de exercer seu papel de sustentação, produzindo um excesso de experiências traumáticas para a criança, que vão além do que seu aparelho mental pode suportar. O aparelho mental da criança, invadido por uma quantidade excessiva de energia não metabolizada, sofre rupturas e transbordamento¹. O excesso de vivências traumáticas, muito diferente de produzir frustrações, necessárias ao amadurecimento, é sentido pela criança como uma ameaça de caos, que ela vivencia como um “despedaçar-se” psicicamente.

Entre as experiências traumáticas, que evidenciam as falhas do ambiente e dificultam a

vivência da integração da criança, salientamos a violência doméstica e as privações afetivas. A falha no ambiente precoce é o que há de mais desastroso que possa acontecer à saúde mental de um indivíduo¹⁵.

Foi considerando a intrínseca relação entre saúde mental, desenvolvimento emocional e o ambiente, com especial atenção ao vínculo pais-bebê, que, inicialmente, introduzimos nossa forma de trabalhar com grupos de gestantes e com crianças nos primeiros anos de vida. E, posteriormente, transmitimos a experiência de nosso grupo de trabalho, formado por psicólogas e pedagoga, para profissionais de várias áreas de atuação na primeira infância.

O trabalho com grupos para a promoção de vínculos

Para viabilizar a discussão, reflexão e assimilação de tais conceitos e possibilitar a aplicação junto aos usuários e equipes de trabalho, iniciamos a formação de profissionais. Esperávamos que o aprendizado da formação fosse multiplicado e o trabalho com grupos, implementado, visando ao cuidado especializado às gestantes e crianças de até 3 anos com ações integradas de saúde, educação e assistência social.

Nosso foco era o trabalho com grupos. Sugerimos um formato de grupo que promovesse reflexão e discussão e não somente exposição de conteúdos, ou seja, palestras nas quais o profissional simplesmente “dá seu recado” e nem “enxerga” as pessoas e suas necessidades. Levamos a proposta de um grupo que pudesse promover a adesão, no qual as pessoas quisessem voltar porque se sentiram atendidas, respeitadas e acolhidas. Um espaço coletivo que fosse dinâmico, prazeroso e lúdico, no qual o participante se sentisse preenchido ao ter sua necessidade atendida, seja de informação, seja de alguém que

o escute ou que o “olhe”, similar ao modelo de um bebê que se sente em estado de prazer ao ser satisfeito.

Com esse propósito foi preciso trabalhar as características inatas ou desenvolvidas e o papel do profissional para a coordenação. O coordenador deve acolher, dar suporte, escutar, bem como acreditar na força do grupo, além de respeitar as características dos participantes. Tínhamos o papel de instrumentalizar o profissional oferecendo recursos e estratégias para serem utilizados no trabalho com grupos (manejo, papel do coordenador, dinâmica do grupo, técnicas grupais) e multiplicados nos mais diversos contextos.

Por meio de exposições dialogadas e vivências, buscamos sensibilizar o profissional sobre a importância da formação do vínculo pais/bebê para o desenvolvimento da criança, desde a gestação e ampliar seus conhecimentos sobre vínculo pais/filho, adquirindo outro olhar para a criança que está se desenvolvendo. Almejávamos que os profissionais pudessem identificar fatores de risco e de proteção psicossociais para o desenvolvimento emocional da criança nos diferentes campos de atuação e discutir com eles sobre papéis e atitudes dos pais e profissionais na promoção da saúde mental das crianças.

Acreditamos que, para sensibilizar e promover mudanças, os temas precisam ser trabalhados de forma lúdica e vivencial. Desse modo, nas Oficinas de Formação eram apresentados e discutidos, por meio de dramatização, jogos, brincadeiras e atividades com o uso de objetos mediadores, tais como livros infantis, canções, vídeos, cenas de filmes e novelas e matérias de revistas e jornais.

Nosso interesse era poder falar de temas tão complexos do desenvolvimento emocional e da constituição da criança de uma forma que pudesse ser compreensível, interessante e motivadora. Os livros infantis foram grandes aliados

para os muitos recados que queríamos dar sobre o papel dos adultos e dos pais na vida mental da criança. Entre eles, trabalhamos com o livro *Agora não, Bernardo*¹¹, que conta a história de um garotinho que não tinha o olhar/atenção dos pais e que é comido pelo monstro. Trata-se de um material riquíssimo de discussão e reflexão. Crianças querem e precisam ser olhadas, ouvidas e tocadas, esse é o tripé do desenvolvimento emocional, necessário para sua saúde mental.

Utilizamos, também, outro livro infantil, chamado *Mamãe zangada*², que conta a história de uma mamãe pinguim que se apresenta aos berros com o filhinho pinguim e, em função disso, ele se despedaça todinho e cada pedaço de seu corpinho vai parar em um lugar do universo. Aos poucos suas partes vão se juntando novamente graças aos gestos amorosos maternos. A presença da mãe, com seu afeto e cuidado, consegue integrar os pedaços do pinguim, possibilitando a saída do caos e seu caminho novamente para a integração.

A confecção de uma mandala é outro exemplo de estratégia que utilizamos para sensibilização e apresentação do tema “vínculo pais e filhos”. Sua confecção, que se dá pelo entrelaçamento de fios de diversas cores em palitos, simboliza os desejos maternos, projetos e intenções dirigidos ao bebê que nascerá. Baseia-se em uma tradição indígena, em que os pais presenteiam a criança, quando nasce, com uma mandala que confeccionam com bons desejos dirigidos a ela³. Nessa atividade, os participantes vivenciam e expressam sentimentos referentes a vínculos, assim como refletem sobre a importância de, desde a gestação, criar um espaço para o bebê no psiquismo materno.

Ao final das formações, as ações eram planejadas pelos participantes, tais como, a implementação de grupos com famílias grávidas (gestantes adolescentes e adultas) e a realização de

eventos na comunidade, reforçando a importância do vínculo pais/filho para o desenvolvimento e saúde mental da criança. Além das ações, era esperado que os profissionais multiplicassem a formação, por meio de reedições, ou seja, adaptar e utilizar conteúdos e estratégias dessa formação junto a seus pares, nos serviços de Saúde, Assistência Social, Educação Infantil e outros, incentivando intervenções setoriais e intersetoriais direcionadas à formação e ao incremento de grupos com famílias grávidas e com crianças na primeiríssima infância.

Apresentamos aos profissionais municipais uma intervenção que visasse à integração dos serviços e oferecesse ferramentas, diretrizes e padrões de qualidade, para que os municípios pudessem se adaptar a essa nova demanda.

Por meio das supervisões, acompanhamos as ações desenvolvidas pelos profissionais e as reedições da Oficina de Formação realizadas para colegas de trabalho e outros serviços da comunidade.

Nossa satisfação está em observar que, em ampla perspectiva, o processo de trabalho logrou êxito quanto às propostas que foram objetivadas nas Oficinas. Percebemos que os profissionais ampliaram seu olhar para o desenvolvimento emocional e para as famílias. Evidenciaram-se também as mudanças por meio da introdução de boas práticas. Do mesmo modo a “quebra de barreiras” existentes entre as diversas secretarias foi conquistada.

Conclui-se que uma série de fatores precisa ser considerada para que as ações da primeiríssima infância se fortaleçam. Entretanto, o envolvimento e a integração dos profissionais, aliados à participação ativa dos governantes, nos mostraram ser a base para a concretização e efetividade das ações municipais.

Referências

1. Assis, MBAC. O tempo da alma. In: Cronos ensandecido: sobre a agitação no mundo contemporâneo. Org Sergio Pri- tas. São Carlos: EdUFSCar, 2009.
2. Bauer, J. Mamãe zangada. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
3. Bernardo, P P. A Prática da Arteterapia: correlações entre temas e recursos, v 1. São Paulo: Editado pela autora, 2008.
4. Bowlby, J. Formação e rompimento de laços afetivos. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
5. Correa Filho, L. Saúde e Educação, antes ou a partir do nascimento? Rev de informação legislativa. out/dez 2007; 44(176): 37-47.
6. Cypel, LRC. A criança do 1º ao 12º mês – aspectos emocionais. In: Fundamentos do Desenvolvimento Infantil: da gestação aos 3 anos. Organizador Saul Cypel. São Pau- lo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2011.
7. Dias, EO. A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott. 2 ed. São Paulo: DWW Editorial, 2012.
8. Ferreira, MC; Aiello-Vaisberg, TMJ. O pai 'suficientemente bom': algumas considerações sobre o cuidado na psicaná- lise winnicottiana. Mudanças - Psicologia da Saúde. jul-dez 2006; 14(2): 136–142.
9. Fulgêncio, L. Por que Winnicott? São Paulo: Zagodoni Edi- tora Ltda, 2016.
10. Klaus, MH; Kennel, JH; Klaus, PH. Vínculo: construindo as bases para um apego seguro e para a independência. Porto Alegre: Artmed, 2000.
11. MacKee, DL. Agora não, Bernardo. São Paulo: Martins Fontes, 2010
12. Piontelli, A. De feto à criança: um estudo observacional e psicanalítico. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
13. Rosa, CD (2007). A presença do pai no processo de amadurecimento – um estudo sobre D. W. Winnicott. 2007. Dissertação de mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.
14. Winnicott, DW. Teoria do relacionamento paterno-infan- til (1960). In: O ambiente e os processos de maturação: es- tudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
15. . _____. Provisão para a criança na saúde e na crise (1962). In: O ambiente e os processos de maturação: es- tudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.